

## INSTRUMENTOS DA TUA PAZ

Maria Flávia Figueiredo

Lc 6,43-49

*Uma árvore boa não dá frutos maus, uma árvore má não dá bom fruto. Porquanto cada árvore se conhece pelo seu fruto. Não se colhem figos dos espinheiros, nem se apanham uvas dos abrolhos. O homem bom tira coisas boas do bom tesouro do seu coração, e o homem mau tira coisas más do seu mau tesouro, porque a boca fala daquilo de que o coração está cheio.*

*Todo aquele que vem a mim ouve as minhas palavras e as pratica, eu vos mostrarei a quem é semelhante. É semelhante ao homem que, edificando uma casa, cavou bem fundo e pôs os alicerces sobre a rocha. As águas trasbordaram, precipitaram-se as torrentes contra aquela casa e não a puderam abalar, porque ele estava bem construída. Mas aquele que as ouve e não as observa é semelhante ao homem que construiu a sua casa sobre a terra movediça, sem alicerces. A torrente investiu contra ele, e ela logo ruiu; e grande foi a ruína daquela casa.*

Nunca havia entendido muito bem as palavras que dão início a essa passagem da Bíblia: *Uma árvore boa não dá frutos maus, uma árvore má não dá bom fruto*. Quando as lia, conseguia dar-lhes uma única interpretação: imaginava que bons pais geram bons filhos, ao passo que pais ruins inevitavelmente gerariam maus filhos. Essa interpretação me deixava um pouco confusa diante da realidade, pois não foram poucas as vezes em que encontrei ótimos filhos advindos de famílias totalmente desajustas ou o contrário, filhos extremamente problemáticos provenientes de pais excelentes.

Hoje, porém, Deus me presenteou com uma interpretação bem mais precisa dessa passagem e é sobre essa nova visão que eu começo a escrever neste momento.

Entendi que a árvore e seus frutos são, na verdade, cada um de nós. Isto é, o Senhor nos percebe, nos avalia pelos frutos que produzimos. Se formos bons, daremos bons frutos; se formos maus, daremos maus frutos. *Porquanto cada árvore se conhece pelo seu fruto*. Na verdade, são os frutos que produzimos que revelarão a nossa real identidade. São eles que mostrarão a nossa verdadeira face ao mundo e é essa face que não escapa a Deus.

Fico imaginando o que apresentaremos a Deus quando chegarmos lá no céu. Imagino que teremos muitas desculpas para dar. Imagino que nossa lista de pecados será infundável, mas penso também que nossas mãos poderão estar vazias de boas obras e isso sim me amedronta. Será que o

tempo de nossa vida que dedicamos a fugir do pecado se equivale ao tempo que dedicamos a fazer boas obras? Será que temos nos contentado apenas com diminuir algumas linhas daquela lista inevitavelmente infundável pela nossa própria constituição e condição de ser humano? Imagino-me cruzando os portais do céu ao lado de outras pessoas. Visualizo-me atravessando os átrios do firmamento acompanhada de homens como Schindler. O que pesará mais? O que contará mais nessa hora? Que obras poderão se igualar àquela efetuada pelo grande resgatador de vidas? (Senhor, tende piedade de nós. Ajuda-nos a realizar boas obras.)

E a passagem ainda nos diz: *Não se colhem figos dos espinheiros, nem se apanham uvas dos abrolhos*. Diante dessas palavras paro então para pensar: que tipo de árvore eu sou? Será que não passo de um espinheiro? Como seria possível um figo sair de um espinheiro? E mesmo se ele fosse lançado lá, não sobreviveria. Imagino um figo viçoso, com uma poupa macia sendo lançado sobre um espinheiro. Em poucos segundos o fruto estaria todo corrompido. Não seria possível retirá-lo daquele lugar. E, mesmo se fosse, ele já não mais serviria para nada. Aí penso que os espinhos são tudo aquilo que nos impedem de fazer boas obras. Nossa timidez, nossa falta de tempo, nosso egoísmo, nossa avareza, nossa mesquinhez, nossa falta de generosidade. Ah, quanta coisa nos impede de fazer o bem! Diante de tamanha pobreza, mesmo se um bom fruto chegar às nossas mãos, muitas vezes conseguiremos estragá-lo.

Penso ainda nos abrolhos. Como são pontiagudos e cortantes. Como se poderia colher uvas de um lugar como esse, do qual tudo o que se aproxima pode ser cortado, machucado. Quantas falhas pode haver no nosso coração... Quantas pessoas deixam de se aproximar de nós porque nunca lhes oferecemos uma palavra de consolo. Quantas vezes ao invés de darmos uma boa notícia preferimos reforçar as calamidades. Quantas vezes criticamos ao invés de elogiar. Quantas vezes oferecemos uma cara amarrada no lugar de um sorriso. Quantas vezes nos fechamos ao invés de nos abrir. Quantas vezes somos agressivos quando poderíamos agir com docilidade. Quantas vezes nos acomodamos ao invés de servir. (Senhor Jesus, eis aí a nossa miséria. Tu já a conheces toda. Na Tua infinita misericórdia, transforma o espinheiro que somos em árvore verdejante. Faz com que o nosso coração de abrolhos se torne manso e acolhedor. Obrigada, Jesus. Só Tu podes nos dar vida nova. Somente o Teu Santo Espírito tem poder para mudar a nossa natureza.)

Se continuarmos a meditação, encontraremos as seguintes palavras: *O homem bom tira coisas boas do bom tesouro do seu coração, e o homem mau tira coisas más do seu mau tesouro, porque a boca fala daquilo de que o coração está cheio*. Para ilustrar essa passagem, lembro que costumamos dizer que muitas vezes a nossa língua nos trai. Isso acontece em situações como essa:

às vezes não queremos fazer algo, mas queremos ocultar esse desejo. Então planejamos dizer: “eu não me importo de fazer tal coisa” e nossa boca acaba por pronunciar “eu me importo de fazer tal coisa”. Na verdade a boca fala daquilo de que está cheio o coração, mesmo que tentemos ocultar. Ainda nessa linha de pensamento me vem à mente a oração de São Francisco de Assis. Penso que temos muito que aprender com essa prece. Será que o tesouro do nosso coração contém as jóias nela sugeridas? Será que nos colocamos, de fato, como instrumento de paz nas mãos do Senhor? Acredito que essa oração vem trazer um confronto daquilo que poderíamos considerar um mau tesouro e um bom tesouro. Que maravilha seria se, ao invés do ódio, da ofensa, da discórdia, da dúvida, do erro, do desespero, da tristeza e das trevas, pudéssemos levar o amor, o perdão, a união, a fé, a verdade, a esperança, a alegria, a luz. Dessa forma, certamente, estaríamos tirando coisas boas do bom tesouro do nosso coração. E, nesse momento, volto a pensar nas desculpas que daríamos a Deus por ocasião de nossa chegada no céu. – Ah, Senhor, o problema é que eu não fui consolada o suficiente, não fui compreendida o bastante, não fui amada o quanto precisava... E penso que o Senhor nos interpelaria dizendo: fale-me apenas do quanto você consolou, do quanto você soube compreender, em que dimensão você conseguiu amar. E essa mesma oração nos ensina: “Oh Mestre, fazei com que eu procure mais consolar que ser consolado, compreender que ser compreendido, amar que ser amado. Pois é dando que se recebe, é perdoando que se é perdoado e é morrendo que se vive para a vida eterna.”

Se seguirmos o que sugere essa oração não temos motivo para temer uma frase como essa: *Por que me chamais: Senhor, Senhor... e não fazeis o que digo?*, pois estaremos cumprindo o que o Senhor espera de nós e podemos ter a certeza de que nossa casa estará sendo construída sobre a rocha, e nem as águas nem as torrentes a poderão abalar.

Obrigada, Senhor.

*São José dos Campos, 12 de maio de 2006.*